



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

DESAFIOS DA FORMAÇÃO DOCENTE PARA A MULTICULTURALIDADE

Autora: Jailma Oliveira dos Santos
Universidade Estadual da Paraíba
Jailmaprf.lettras@gmail.com

Coautor: Josias Silvano de Barros
Universidade Estadual da Paraíba
barrosjosias@yahoo.com.br

Resumo: As múltiplas relações socioculturais perpassam, cotidianamente, os cenários públicos e, por extensão, o espaço da escola. Tensões, conflitos, tentativas de diálogos e negociações são constantes entre os diversos atores sociais. Esta situação adquire uma configuração específica, articulada com as diversas construções históricas e político/culturais de cada realidade. Este artigo tem como principal objetivo refletir sobre uma perspectiva multicultural que proporcione práticas educativas que visem uma educação crítica, a partir do horizonte da reinvenção da escola – especialmente a partir da formação de professores –, ao mesmo tempo em que busca problematizar diferentes elementos contemporâneos que concebem as práticas educativas e sociais de forma plural. Em termos metodológicos, configura-se como pesquisa bibliográfica por ser uma revisão de literatura sobre algumas teorias que norteiam o trabalho científico no campo da educação. De um modo geral, a pesquisa possibilita inferir que a escola é um ambiente que abarca culturas diversas. Assim, os diferentes contextos sociais devem ser respeitados para que se possa haver uma coexistência humana harmoniosa. Por estes motivos, dentre outras necessidades, a qualificação docente para a diversidade é de significativa valia para se promover uma escola potencializadora do diálogo e do respeito mútuo.

Palavras-chave: Formação Docente, Práticas Educativas Multiculturais, Reinvenção da Escola.

Introdução

A intensificação das migrações e as interações étnicas implicam um incremento da heterogeneidade das sociedades globalizadas, gerando complexas relações interculturais. Por outro lado, a evolução técnico-científica-informacional acarreta profundas modificações sociais que, segundo o Conselho Nacional de Educação CNE (2001) alteram profundamente a forma de comunicar, promovendo novas dinâmicas de inter-relação social. Ou seja, as distâncias e as barreiras entre os sujeitos, as culturas e suas formas de manifestações culturais estão cada vez mais estreitas e se encadeando por completo. Desta forma, o mundo está se tornando, cada vez mais, interconectado em suas novas combinação espaço-tempo.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Por este viés reflexivo, nossa pesquisa busca refletir sobre uma perspectiva intercultural que proporcione práticas educativas que visem uma educação crítica, a partir do horizonte da reinvenção da escola – especialmente a partir da formação de professores –, ao mesmo tempo em que busca problematizar diferentes elementos contemporâneos que concebem as práticas educativas e sociais. Para tanto, um dos nossos intuídos é de alcançar os princípios da educação sócio/interacionista que propõe a interação entre professor/aluno, a partir de ações contextualizadas que levem o aluno a questionar o mundo no qual está inserido, e que exige dele uma gama muito maior de conhecimentos para proporcionar o acesso às diversas esferas sociais de modo e, ao mesmo tempo, respeitar as singularidades presentes no ambiente escolar, que por vezes são silenciadas em virtude de um ensino tradicional e/ou em virtude de um conceito de escola de caráter, em geral, padronizador, homogeneizador e monocultural da educação (FORQUIM, 1993).

A escolha do objeto de pesquisa justifica-se por pensarmos ser o professor, na sua condição profissional, um dos mais importantes responsáveis do processo ensino/aprendizagem, por assumir o compromisso com o aluno, com a família, com sua comunidade, com a instituição escolar (que representa sua inclusão civilizatória), com a produção conjunta de significados em sala de aula, com a democracia e com o sentido de profissionalismo que implique competências.

Metodologia

Como embasamento teórico-metodológico, lançamos uma pesquisa bibliográfica que, por buscar a reflexão de um problema por meio de referenciais teóricos já existentes, analisando e problematizando as várias contribuições científicas. Essa forma de pesquisa traz contribuições para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. “É de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação.” (BOCCATO, 2006, p. 266).



No âmbito educacional, selecionamos, teoricamente, autores como Forquin (1993), Moreira e Candu (2008), Pérez (2001), e Veiga (2003) para melhor embasarmos a discussão sobre o papel da educação escolar na formação do sujeito, diante da complexidade sócio/cultural que perpassa a escola.

Resultados e discursões

A confirmação das diferenças – étnicas, de gênero, orientação sexual, religiosas, entre outras, manifesta-se em todas as suas cores, sons, ritos, saberes, crenças e modos de expressão. Os problemas são múltiplos, visibilizados pelos movimentos sociais, que denunciam injustiças, desigualdades e discriminações, reivindicando igualdade de acesso a bens e serviços e reconhecimento político e cultural. Esses movimentos nos colocam diante da construção histórica do continente, marcada pela negação dos “outros”, física e/ou simbólica, ainda fortemente presentes nas nossas sociedades.

Com o passar do tempo, essas interações sociais vão se tornando cada vez mais complexas e exigindo dos sujeitos maiores e variadas habilidades para a comunicação. Para Perez Gómez (1994; 2001), a escola deve ser concebida como um espaço de cruzamento de culturas, e essa responsabilidade específica se distinguem de outras instâncias de socialização.

No entanto, a escola parece que não consegue acompanhar os avanços sociais, e não prepara os alunos para a interação social, “a mediação reflexiva de influências plurais que as diferentes culturas exercem de forma permanente sobre as gerações” (CANDU in: MOREIRA e CANDU, 2008 p. 15). Em outras palavras, a educação do passado passou a ser insuficiente. É preciso olhar para o presente e descobrir novas formas de ação escolar que atendam as novas necessidades que emergem.

A escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com a homogeneização e a padronização. No entanto, abrir espaços para a diversidade, a diferença e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que está chamado a enfrentar (MOREIRA; CANDAU, 2003, p. 161).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A instituição escolar parece ter dificuldade em perceber que grande parte da população não se enquadra em conceitos e/ou parâmetros ditados por uma concepção universalista de cultura. Para que esse quadro da educação mude, temos que penetrar no universo de preconceitos e discriminações que impregna – muitas vezes com caráter difuso, fluido e sutil – todas as relações sociais que configuram os contextos em que vivemos, inclusive a escola.

Neste contexto, o professor tem a tarefa de criar condições de sobrevivência e desenvolvimento dos seus educandos na sociedade, aproveitando-se de fórmulas eficientes do passado e pesquisando outras que se fizerem necessárias. "Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação" (BRANDÃO, 1985, p.7).

A formação de professores é indispensável para a prática educativa, a qual constitui o locus privilegiado da ação profissional cotidiana no cenário escolar. Por ser o docente um sujeito que trabalha com pessoas, a educação é um processo de humanização e, como afirma Pimenta (2010), é um processo pela qual os seres humanos são inseridos na sociedade.

Para dar conta da formação do cidadão do século XXI, a escola deve estar comprometida em propiciar, através de diversas linguagens, a construção do saber, do conhecimento, preparando o educando para a transformação do mundo. Esta preocupação supõe o reconhecimento e a valorização das diferenças culturais, dos diversos saberes e práticas e a afirmação de sua relação com o direito à educação de todos/as.

A realização consciente e competente das tarefas de ensino e aprendizagem torna-se, assim fonte de convicções, princípios de ação, que vão regular as ações práticas dos alunos frente a situação postas pela realidade [...] Mostramos, assim, que não há como especificar objetivos imediatos do processo de ensino fora de uma concepção de mundo (LIBÂNIO, 1994, p.99).

Dentro desse contexto educacional, a transmissão de conteúdos educativos fora do contexto social do educando é considerada "criadouro de dados" porque não surge do saber popular. No Brasil, por exemplo, com o lançamento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), os quais elegeram como um dos seus temas transversais a Pluralidade



Cultural, há a recomendação ao atendimento às necessidades singulares dos alunos, dando um pouco de abertura as discussões que vão além das reproduções conteudistas.

A educação escolar deve considerar a diversidade dos alunos como elemento essencial a ser tratado para a melhoria da qualidade de ensino aprendizagem. A escola ao considerar a diversidade, tem como valor máximo o respeito as diferenças - não o elogia a desigualdade. As diferenças não são obstáculos para o cumprimento da ação educativa, podem e devem, portanto, ser fator de enriquecimento (Ibid.: 96-97).

Se a sociedade mudou e exige pessoas questionadoras e conscientes de seus direitos e deveres, é necessário que professores e professoras, e todos os envolvidos com as instituições de ensino, reflitam sobre a sua formação atual. Afinal, a escola não pode continuar ignorando as políticas educacionais fundamentando a educação em uma ação homogeneizadora com um currículo fechado que, muitas vezes, ignora e cala a diversidade cultural.

Pela convivência com as diversas manifestações culturais, impregnadas de crenças, costumes e valores, espera-se que cada indivíduo passe a reconhecer e respeitar o direito do outro à diversidade. Portanto, deve-se levar em consideração, as experiências, os conhecimentos, a motivação e os aspectos comunicativos específicos que o aluno traz para a aprendizagem, objetivando, com isso, desenvolver as habilidades do mesmo, pois ensinar é criar situações favoráveis ao desenvolvimento dessas habilidades.

Nossa identidade, assim, não é uma essência, não é um dado, não é fixa, não é estável, nem centrada, nem unificada, nem homogênea, nem definitiva. É instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. É uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo (MOREIRA e CÂMARA in: MOREIRA e CANDU, 2008, p. 43).

A educação não pode ser reduzida a algumas situações e/ou atividades realizadas em momentos específicos nem focalizar sua atenção exclusivamente em determinados grupos sociais. Ela deve abarcar um enfoque global que afete todos os atores e todas as dimensões do processo educativo, assim como os diferentes âmbitos em que ele se desenvolve. No que diz



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

respeito à escola, afeta a seleção curricular, a organização escolar, as linguagens, as práticas didáticas, as atividades-extraclasses, o papel do/a professor/a, a relação com a comunidade etc.

Sentimos que a escola está em crise porque percebemos que ela está cada vez mais desenraizada da sociedade. [...] A educação escolarizada funcionou como uma imensa maquinaria encarregada de fabricar o sujeito moderno. [...] Mas o mundo mudou e continua mudando rapidamente sem que a escola esteja acompanhando tais mudanças (VEIGA NETO, 2003:110).

É necessário que o educador perceba os educandos como cidadãos de hoje, indivíduos que participam em um mundo social, do qual a escola representa apenas uma de suas instâncias. Isso envolve respeitar suas experiências de vida, sua linguagem e seus valores culturais, pois não existem conhecimentos, valores que sejam melhores ou mais legítimos do que outros. Desta forma, o professor é capaz de levar o aluno a desenvolver suas próprias competências crítico/discursivas, diferentemente da postura tradicional que pode originar vários problemas.

Para Antunes (2003) falta uma interação em sala de aula em que, os educandos são impossibilitados de expressar suas opiniões, suas crenças, seus costumes, seus valores. Sabemos que, não cabe à escola, desqualificar ou ignorar essas experiências, e sim tentar incorporá-las, a fim de que o educando perceba uma articulação da vida social com seu cotidiano, pois para Geertz (1989, p.15), “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu.”

Dessa forma, temos procurado identificar alguns dos desafios que temos de enfrentar se quisermos promover uma educação intercultural, crítica e emancipatória, orientada a desenvolver um processo de reinvenção da escola e poder lidar com as identidades e as diferenças na sala de aula. Para isso, Moreira e Câmara in Moreira e Candu (2008, p. 47-53), postulam que para enfocar questões de identidade e diferença em sala de aula precisamos:

- a) Procurar aumentar a consciência das situações de opressão que se expressam em diferentes espaços sociais;
- b) Propiciar ao/à estudante a aquisição de informações referentes a distintos tipos de discriminações e preconceitos;
- c) Estimular o desenvolvimento de uma imagem positiva dos grupos subalternizados;



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

- d) Favorecer a compreensão do significado e da construção de conceitos que têm sido empregados para dividir e discriminar indivíduos e grupos em diferentes momentos históricos e em diferentes sociedades;
- e) Facilitar ao/à estudante a compreensão e a crítica dos aspectos das identidades sociais estimulados pelos diferentes meios de comunicação;
- f) Propiciar ao aluno a possibilidade de novos posicionamentos e novas atitudes que venham a caracterizar propostas de ação e intervenção;
- g) Articular as diferenças.

A postura ética e crítica do indivíduo abarcam a assimilação e reconstrução dos conceitos, da cultura e do conhecimento público da comunidade social no qual o educando está inserido. A escola deve desenvolver no educando a capacidade de expressar e comunicar suas ideias, participar e interpretar as produções culturais, intervir pelo uso do pensamento lógico, da criatividade e da análise crítica. Este processo é viabilizado pelas disciplinas que propiciam ao educando o seu crescimento como cidadão consciente e crítico, como inserção social, política e compromisso histórico, além do exercício cotidiano dos seus direitos, deveres, atitudes, condutas, como uma atitude de respeito às diversidades e autoconfiança.

Sendo assim, observamos que sempre há uma seleção de conteúdos da cultura a serem ensinados, não podendo estes ser demasiadamente objetivos e/ou abstratos, visto que a Educação visa introduzir os sujeitos no interior de um mundo, que teoricamente não conhecem e que devem vir a habitá-lo. Então, a educação escolar não pode se limitar a transmitir os conhecimentos disponíveis em um dado momento, visando justificar a ideologia dominante, mas tratar de saberes que são significativos para os alunos, os quais possam estabelecer sentidos e relacioná-los ao seu cotidiano, dando embasamento para suas ações e construções de pensamento e novos saberes.

Na perspectiva da formação, é preciso aprender continuamente como ver a realidade, uma vez que é na prática, na troca de saberes, na ousadia da busca que se dá o aprendizado mútuo. Desse modo, é possível que o professor torne-se um agente capaz de gerir o seu próprio fazer, alguém proativo, capaz de criar, relacionar, argumentar e participando no espaço escolar.

Como podemos constatar a educação intercultural busca o diálogo entre as culturas e também acredita na possibilidade do aprendizado e dos processos pedagógicos que incluam a



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

todas elas. “Surge como exigência de respeito e disponibilidade para o entendimento mútuo, a rejeição ao etnocentrismo e a exigência de uma revisão crítica do aprendizado que leve em consideração o mundo da vida multicultural” (HOHMANN apud VIEIRA, 2001, p. 110). Nesse contexto, cabe à escola criar os meios necessários e suficientes para que possa realmente acontecer a inclusão dessa diversidade cultural. Uma realidade tão presente em nossas vidas e principalmente na vida da escola. A escola encontra-se, portanto, desafiada a abrir os caminhos para a diversidade. O que se deve considerar, é que a escola não deve pensar uma educação voltada apenas para determinados grupos sociais, etnias, raças, etc.

Considerações Finais

A educação na contemporaneidade vai além dos muros da escola; vai muito além de uma forma de ensino tradicional. Assim, um dos papéis fundamentais da escola é tornar o aluno um sujeito flexível para atuar em sociedade, tanto com competência crítico-discursivo, quanto na perspectiva de respeito às diferenças. Para que isso aconteça, consideramos relevante que os profissionais da área da educação sejam constantes leitores pesquisadores. Para isso, é preciso que esses agentes responsáveis pela educação do corpo discente mantenham sua formação continuada. Dessa forma, buscar perspectivas inovadoras para não deturpar a compreensão dos processos e práticas educativas na transmissão/produção cultural.

Por tais motivos, investir e dinamizar processos de educação intercultural contribui para o reconhecimento da diversidade e promover a interação entre as diferentes culturas, incentivando o encontro e o diálogo, considerando-a mesmo ser de interesse público e fundamental para a formação de uma sociedade democrática, mais justa e tolerante.

Neste contexto, a relação entre a escola e família assume uma importância fundamental, pois é uma relação dinâmica que surge na escola entre culturas e grupos sociais diferentes pelo que se enquadra na problemática intercultural. É neste contexto que a mediação surge como estratégia fundamental para o reforço do diálogo intercultural, considerando que a mediação intercultural permite a construção de novos percursos,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

aglutinando paradigmas de abertura face ao outro e à diferença, convidando cada um à cidadania, a ser ator, isto é, a agir como cidadão responsável.

Considerando a importância do papel do educador dentro desse debate sobre educação, sociedade e cultura, temos que concordar com ideia de que o educador é propriamente um sujeito que se insere num processo educativo e interage com outros sujeitos, dedicando particular atenção às relações e aos contextos que vão se criando, de modo a contribuir para a explicação e elaboração dos sentidos (percepção, significado e direção) que os sujeitos em relação constroem e reconstroem.

Cabe enfatizar que o currículo e a programação didática, mais do que um caráter lógico, tem uma função ecológica – sua tarefa não será meramente a de configurar um referencial teórico para o repasse hierárquico e progressivo de informações, mas prever e preparar recursos capazes de ativar a elaboração e circulação de informações entre sujeitos, de modo que se auto-organizem em relação de reciprocidade entre si e com o próprio ambiente. De acordo com Forquin (1993, p.168): “educar, ensinar, é colocar alguém em presença de certos elementos da cultura a fim de que ele deles se nutra, que ele os incorpore a sua substância, que ele construa sua identidade intelectual e pessoal em função deles.”

A escola deve concretizar propostas educativas que constituam uma ponte entre a cultura da escola e a da comunidade envolvente, onde os professores possam ser agentes de mudança, facilitadores que favoreçam o diálogo e implementação das novas concepções de diálogo entre as culturas plurais, através de uma complementaridade baseada na convivência e na paz, em que a solidariedade aparece como o primeiro valor a dinamizar e a difundir, tendo em conta que “ninguém educa ninguém. Os homens se educam em comunhão” (FREIRE, 1996, p.79). Então, que tenhamos mais atenção à nossa prática de ensino para melhor nos responsabilizarmos pelos nossos discentes enquanto cidadãos que respeitam a diversidade.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de português**: Encontro e interação. SP: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Maxismo e Filosofia da Linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 3ª ed. Hucuitec. São Paulo, 1986.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

BOCCATO, V. C. **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação.** Disponível em: http://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_odontologia/pdf/setembro_dezembro_2006/metodologia_pesquisa_bibliografica.pdf. Acesso: 17 de agosto de 2015.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação.** 16 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

CNE, (2002). **Pareceres e recomendações 2001,** Conselho Nacional de Educação.

FORQUIN, J. C. **Escola e cultura:** as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

Freire, P. (1996). **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Edições Paz e Terra, 79,165.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática** (coleção magistério. Série formação do professor). Cortez, 1994. São Paulo.

MOREIRA, A. F; CANDU, V. M. (orgs.). **Multiculturalismo:** diferenças culturais e práticas pedagógicas. 2. Ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PÉREZ Gómez, A. I. **A cultura escolar na sociedade neoliberal.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

PIMENTA, S. G. LIMA, M. S. L. L. **Diferentes concepções** – Revista Poiesis – volume 3 e 4, p. 5-24, 2005/2006.

VEIGA, Neto. **Pensar a escola como uma instituição que pelo menos garanta a manutenção das conquistas fundamentais da Modernidade.** In: COSTA, M.V. (org.). Unijuí, 2003.

VIEIRA, R. S. **Educação intercultural:** uma proposta de ação no mundo multicultural. In FLEURI, R. M. (Org.). Intercultura: estudos emergentes. Florianópolis: MOVER; Ijuí: Ed. Unijuí, 2001, p. 117-127.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO